

AUTOR: Fernando ZÉCA

## A ÚLTIMA TESTEMUNHA

*(entre outras, esta também é uma humilde homenagem ao dia da mulher)*

Comandante Ana sentou-se na poltrona de pilotagem da nave e afivelou os cintos. Verificou os computadores ao seu redor a procura de alguma anormalidade.

Nada encontrou.

-Sua nave já está solta e em posição, comandante. - Foi o aviso que recebeu pelo sistema de comunicação.

Olhou pela escotilha e verificou que a gigantesca garra que a rebocara afastava-se em direção à base espacial.

-Obrigado rapazes! - Agradeceu. - Agora é comigo. Se precisar de alguma coisa eu aviso.

Ela acionou alguns comandos nos controles dispostos no braço da sua poltrona e, imediatamente um som abafado tomou conta da cabine de pilotagem.

Pelas câmeras externas da nave verificou que os propulsores estavam operando eficientemente.

Agora começava o seu trabalho de verdade que era monitorar todo o trabalho feito por aquela nave robotizada.

A finalidade dela era coletar o lixo espacial que orbitava a Terra.

Não era um trabalho rápido.

Normalmente passava uma semana inteira sem parar de fazer seu serviço de limpeza.

A tarefa era toda feita pela nave robotizada, mas, devido às tempestades solares que frequentemente causavam estragos nos seus equipamentos, também era supervisionada por um elemento humano.

E aí que entrava a comandante Ana.

Ela passava o tempo todo verificando o trabalho da nave robotizada interferindo o mínimo possível no que ali acontecia.

Na verdade, só estava lá para evitar problemas maiores em casos de emergências ou panes.

O equipamento todo que utilizava era bastante robusto e confiável.

Tanto que, grande parte do tempo, passava na internet assistindo seus programas favoritos, verificando e-mails e até brincando com vídeo-games.

Para ela, na verdade, aquela tarefa até era um descanso já que, muitas vezes também podia escrever ficção científica.

Assim que verificou que a nave já estabelecera uma órbita padrão ao redor da Terra coletando todo tipo de lixo espacial e, que tudo estava dentro da normalidade, ligou no canal de TV de informação para saber das últimas.

Procurou a seção de esportes onde iria se informar sobre o grande clássico futebolístico entre os times dos Satanázes versus Anjinhos.

Para a sua surpresa, mesmo tendo sido disputadíssima, a partida acabou empatada.

Ainda que para o campeonato, as duas equipes fossem beneficiadas com este resultado, para as torcidas, aquele não era um bom negócio, afinal, depois de um jogo como aquele, uma das duas equipes tinha de sair humilhada do estádio.

Como tal fato não tinha ocorrido, então o melhor era que uma das torcidas acabasse por suportar destino tão ingrato.

Para que tanto realmente se efetivasse, uma grande briga campal decidiria quem

*AUTOR: Fernando ZÉCA*

seria o perdedor.

E foi o que aconteceu.

Dentro do estádio onde se deu a partida, os torcedores avançaram uns contra os outros com violência poucas vezes registrada.

Mesmo os bens armados robôs de segurança não puderam conter os ânimos inflamados.

As imagens transmitidas do local eram simplesmente aterradoras.

Se ninguém fizesse nada, aquele estádio logo se encheria de mortos.

Foi então que uma voz feminina se fez ouvir.

Era poderosa e parecia um grito inflamado.

Trovejava pelos alto falantes do estádio com grande potência. Agora, era impossível ignorá-la.

Os torcedores dos dois times pararam de brigar e dirigiram seu olhares atônitos para um palco erguido atrás de um dos gols onde, antes da partida, houve um show de rock.

Nele, uma loura alta, lindíssima, de roupas pretas apertadas de couro que revelavam seus generosos atributos, lançava palavras retumbantes para aquele público.

-Ei vocês! O que farão amanhã? Quem aqui vai trabalhar?

Ninguém conseguia deixar de ouvi-la ou desviar os olhos dela.

Os mais sabidos desconfiariam até com uma eventual dose de razão que ela tivesse poderes capazes de hipnotizar multidões.

Mais ou menos como nas histórias de mutantes na ficção científica....

Se realmente haviam poderes sobrenaturais envolvidos, o fato era que, assim que apareceu, a loiraça monopolizou as atenções.

Até mesmo a comandante Ana não conseguia tirar os olhos do monitor onde a imagem dela era exibida.

Aquela mulher simplesmente aparentava ser tudo que a maioria delas sempre sonhou ser na vida.

E ainda discursava muito bem... Com convicção e uma fúria instigante.

O que ela falava já havia sido dito em milhares de outros discursos pela história, mas, a forma como ela colocava era diferenciada...

-Quem aqui vai trabalhar amanhã?

“Vamos! Não sejam tímidos!”

“Todos aqui são valentes e destemidos. Não há porquê se acanhar.”

“Levante o braço aquele que for trabalhar amanhã.”

Alguns então levantaram, outros os seguiram.

Até que, um monte de gente também o fez...

Ela continuou falando.

Analisando friamente, um discurso manjado, mas, ninguém piscava ao ouvi-la.

-Amanhã vocês tem o que fazer! São responsáveis pelos próprios destinos além do de outras pessoas...

“Não desperdicem energia!”

“Vocês estão gastando esforço numa insanidade que não trará nada de útil.”

“Vão trabalhar! Por vocês! Por suas famílias! Pela sociedade e pelo mundo!”

“Não se destruam! Unam-se! Lutem pela humanidade! Só assim todos poderemos viver melhor.”

Tais palavras, proferidas por aquela loiraça, fizeram uma energia incendiar-se na alma das pessoas que a ouviram.

Todos sem exceção, mesmo aqueles de passado mais duvidoso, queriam se envolver em atividades que pudessem trazer o bem comum para todos!

*AUTOR: Fernando ZÉCA*

A comandante Ana em sua nave também ficou sensibilizada com o estranho poder de convencimento daquela mulher.

Sabia entretanto, que estava fazendo um bom trabalho ao limpar o lixo orbital que assombrava as naves que chegavam ou saíam da Terra, portanto, de certo modo já estava ajudando a humanidade.

Mesmo assim, gostou da energia da loira, da força e do pique que ela transmitia com o seu jeito de falar. Sozinha, ela parecia até uma banda inteira de heavy metal em ação.

-Agora quero que todos se cumprimentem, se desculpem por esta briga idiota e canalizem suas energias ao trabalho para a humanidade. Todos iremos assim sair ganhando!

E por incrível que pareça, todo mundo ali começou a chorar e se cumprimentar.

Os pedidos dela foram atendidos!

E mais!

Como aquele discurso foi transmitido não só para diversas partes do mundo, mas também, para fora dele, uma reação em cadeia começou a ocorrer.

Todo planeta parecia ter sido contagiado pelos poderes das palavras dela.

Ninguém queria deixar de trabalhar pela humanidade.

A comandante Ana acompanhava maravilhada aqueles acontecimentos pelas transmissões que recebia na sua nave robotizada.

Por toda a Terra, surgiam iniciativas no sentido de trazer o bem estar geral de modo mais rápido possível.

Nas horas e dias que seguiram-se, elas se multiplicaram numa tal escala, que acabaram por indicar uma mudança de comportamento na humanidade que, agora passava a ser muito mais solidária consigo mesma.

A comandante Ana, a bordo de sua nave, passou uma das semanas mais tranquilas e agradáveis no trabalho já que, acompanhou com grande prazer as transformações que presenciara desde o domingo anterior através do seu canal preferido.

Normalmente, vendo os noticiários, sempre se estressava com as barbaridades que via um semelhante fazer ao seu próximo ocasionadas pelos motivos mais torpes.

Mas, naquela semana, esse tipo de noticiário deixou de existir.

Graças ao discurso da loira, ninguém queria mais saber de fazer mal ou mesmo prejudicar os outros.

Agora só se falava em fazer o melhor pelo bem comum. O egoísmo e as desmedidas ambições pessoais passavam a ser coisa do passado.

Depois de acompanhar toda aquela discussão isolada na sua nave, tudo o que Ana queria agora era trocar idéias sobre o assunto com outras pessoas.

Conversava bastante com o operador do sistema de comunicações e até com o comandante da base espacial sobre os acontecimentos, mas, o que ela queria agora era dar uma participação mais direta.

Encerrada a sua missão, colocava agora a nave em posição para ser alcançada pelo braço robotizado de reboque até o hangar da base.

-Vai descer para Terra, Ana?

-Sim! Está na hora de rever alguns amigos e de aproveitar minha folga para dar início a novos projetos...

No meio dessa conversa, Ana então ouviu alguns estalos no canal de som. A imagem paralisou por alguns instantes no monitor e começou a pipocar.

Ana olhou pela escotilha da cabine de pilotagem e viu as luzes da estação rateando.

Piscavam incessantemente.

AUTOR: Fernando ZÉCA

Então ela ouviu pelo canal de som:

-Meu Deus! É a Vovó Circe Trovão! Está vindo em nossa direção...

A comandante Ana não ouviu mais nada da base além disso.

Olhou pela escotilha e viu alguma coisa escura e grande surgir de um momento para outro do espaço atingindo a estação em cheio...

Tal ocorrência criou uma onda de choque que afastou com violência a nave da comandante Ana fazendo-a rodopiar loucamente pelo espaço.

Apesar do susto, os sistemas robotizados de pilotagem da nave logo estabilizaram o seu vôo novamente evitando assim qualquer prejuízo.

Destino idêntico não teve a estação, que foi inteiramente destruída por aquele evento.

Passado o momento de aflição, a comandante voltou a recobrar as idéias tentando ligar os fatos.

Fuçando suas antigas lembranças logo lembrou da Vovó Circe Trovão!

Era o nome de batismo carinhosamente dado por um astrônomo a uma rocha negra com mais de cinco quilômetros de comprimento que vagava erraticamente pelo espaço nos limites do sistema solar.

O que essa grande pedra voadora tinha de interessante além do nome que homenageava a avó do descobridor, era o fato de ser composta por um material negro, opaco, muito incomum que parecia até distorcer o espaço e os campos energéticos ao seu redor.

Sua trajetória era imprevisível, o que fazia com que frequentemente sumisse da zona de observação das câmeras dos satélites e telescópios.

Logo, o fato de aparecer de um momento para outro tão próxima da Terra, era uma surpresa completa que pegou todos de calças nas mãos.

Depois de presenciar a destruição da base causada pelo choque com a Vovó Circe Trovão, a comandante Ana ainda constatou que a desgraçaria não havia se encerrado.

A grande pedra voadora, além de não sofrer nada depois de destruir a base, seguiu intacta rumo à Terra.

Nada havia que se pudesse fazer.

O tempo foi escasso e ela então penetrou com violência a atmosfera terrestre.

Logo, todo o planeta acabou por sofrer graças àquele tremendo impacto.

As conseqüências foram catastróficas.

A raça humana foi inteiramente dizimada juntamente com milhares de outras espécies que habitavam o adorável mundo azul.

Não pôde ela desfrutar plenamente do patamar de desenvolvimento social que a mulher e o homem a bem pouco haviam alcançado.

Por fim, a comandante Ana acabou sendo a última testemunha a presenciar o fim da humanidade na Terra.

Não poderia porém contar nada daquilo para ninguém, já que, a bateria e o oxigênio de sua nave muito em breve se esgotariam e ela agora não tinha mais para onde ir.

\*\*\*

*Conto criado para os desafios da Fábrica dos Sonhos inspirado no adorável sexo feminino.*

*Neste caso, abro um parenteses especial para homenagear principalmente todas as mulheres que suportam bravamente minhas neuroses, especialmente, minha mãe, minha avó e minha noiva.*

*Ainda aqui quero homenagear a saudosa Vovó Circe Trovão que a poucos dias foi chamada para o andar de cima e deixou uma saudade grande das broncas que distribuía.*

AUTOR: Fernando ZÉCA

*Finalmente cabe aqui minha última homenagem àquele que considero um dos maiores entre os escritores de FC.*

*Não é mulher, mas é um ilustre que dispensa apresentações: ARTHUR C. CLARKE.*

*Que infelizmente também nos deixou partindo desta para melhor justamente no dia que este modesto trabalho terminou de ser escrito.*

\*\*\*